

SER E ESCREVER: UM ESTUDO DE *LES RÉVERIES DU PROMENEUR SOLITAIRE* DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Natália Pedroni CARMINATTI*

RESUMO: O presente trabalho fundamenta-se na análise da obra *Les Réveries du promeneur solitaire* de Jean-Jacques Rousseau, com a finalidade de verificar como se manifestam, neste autor inaugural do pré-romantismo francês, uma linguagem e uma visão de mundo centradas no egotismo, na sensibilidade, no gosto pela solidão e pelo devaneio. Por meio da investigação de uma retórica do eu e das imagens poéticas, pretende-se levantar os elementos centrais da prosa poética de Rousseau na última de suas obras. Desse modo, pretende-se demonstrar a importância dos temas do complô, da solidão, do devaneio, da felicidade e da memória para o reconhecimento do ser que deseja conhecer-se e desfrutar de si próprio por meio da escrita egótica. Ao fixar-se pela escrita, o filósofo intenta duplicar sua existência e voltar aos tempos de felicidade duradoura anteriormente vivenciados. Para tanto, o trabalho utiliza as reflexões de Françoise Barginet em *Rousseau ou l'illusion passionnée*, as teorias de Michèle Grogiez em *Solitude et Méditation*, e, ainda, os ensaios reunidos por Michel Coz e François Jacob em *Réveries sans fin*.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Romantismo. Literatura Francesa.

A finalidade deste artigo é fazer um estudo, por meio do viés literário, da última obra do filósofo Jean-Jacques Rousseau, *Les rêveries du promeneur solitaire*, para verificar como se manifestam os temas do complô, da solidão, do devaneio, da felicidade e da memória na última obra deste filósofo que inaugurou o pré-romantismo francês. Tais temas configuram o próprio ser que se manifesta e busca conhecer a si mesmo nos meandros da escritura.

Centrada no egotismo, na dialética da verdade e da mentira, na sensibilidade, *Les rêveries du promeneur solitaire* representa a expressão mais pura de um homem

* Mestranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Araraquara - SP – Brasil. 14800-901-napedroni@hotmail.com

que se sentiu perseguido pela sociedade de sua época. Apesar de todas as acusações e de todas as tentativas de exílio pessoal, conseguiu, a partir de uma retórica voltada para o eu, viver momentos de felicidade plena através da escrita literária em que retoma os momentos felizes anteriormente vividos.

É no começo da 1^{ère} *promenade* que nos deparamos pela primeira vez com a paranoica ideia do complô. O filósofo abre *Les rêveries du promeneur solitaire* com a conjunção *donc*, a qual exerce a função de mascarar os infortúnios promovidos pelos homens, infortúnios esses que apesar de muitas vezes serem frutos da imaginação e do delírio do autor, algumas vezes, reportavam-se às diversas perseguições a que fora submetido: “*Me voici donc seul sur la terre, n’ayant plus de frère, de prochain, d’ami, de société que moi-même*”¹ (ROUSSEAU, 1972, p.35). A conjunção *donc*, que em português seria *portanto*, funciona como elemento conector de conclusão na oração. Desse modo, Rousseau pretende confortar-se com a ideia de que sozinho conseguiria viver intensamente, sem mais se preocupar com a sociedade hipócrita que tanto o atormentava.

Logo no início das *Rêveries*, Rousseau esclarece seus principais desígnios e comprova que a obra é produto de uma retórica egótica, revelando um estudo profundo do ser que deseja se conhecer e desfrutar de si mesmo. O autor fundamenta na 1^{ère} *promenade* sua nova maneira de viver, baseada em êxtases, em confidências que demonstram o mais alto grau de prazer do caminhante solitário:

*[...]je consacre mes derniers jours à m’étudier moi-même et à préparer d’avance le compte que je ne tarderai pas à rendre à moi. Livrons-nous tout entier à la douceur de converser avec mon âme puisqu’elle est la seule que les hommes ne puissent m’ôter. Si à force de réfléchir sur mes dispositions intérieures je parviens à les mettre en meilleur ordre et à corriger le mal qui peut y rester, mes méditations ne seront pas entièrement inutiles, et quoique je ne sois plus bon à rien sur la terre, je n’aurai pas tout à fait perdu mes derniers jours. Les loisirs de mes promenades journalières ont souvent été remplis de contemplations charmantes dont j’ai regret d’avoir perdu le souvenir.*² (ROUSSEAU, 1972, p.41).

* Os exemplos tirados da obra *Les rêveries du promeneur solitaire* aparecem aqui na tradução de Moretto (1986).

¹ “Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia.” (ROUSSEAU, 1986, p.23).

² “Consagro meus últimos dias a estudar-me a mim mesmo e a preparar de antemão as contas que não tardarei a dar de mim mesmo. Entreguemo-nos inteiramente à doçura de conversar com a minha alma, já que é a única coisa que os homens não me podem tirar. Se, à força de refletir sobre minhas disposições interiores, consigo pô-las em melhor ordem e corrigir o mal que nelas pode ter ficado, minhas meditações serão inteiramente inúteis e embora não sirva mais para anda na terra, não terei perdido completamente os meus últimos dias. Os lazeres de minhas caminhadas diárias foram frequentemente preenchidos por contemplações encantadoras das quais tenho desgosto de ter perdido a lembrança.” (ROUSSEAU, 1986, p.26).

É evidente a insistência de Rousseau em proclamar que as caminhadas dos *Devaneios* foram escritas para ele mesmo, e à medida que fará a leitura das mesmas lembrará a sensação de felicidade que experimentou quando as escreveu. É como se o filósofo pretendesse reviver o tempo passado, duplicando, assim, sua existência. A ideia que se obtém, ao fazer a leitura da obra na íntegra, é que ele pretende convencer-se de que sozinho encontrará consolo, esperança e paz. Oferece os seus últimos dias para estudar a si próprio, refletir sobre as suas disposições interiores e conhecer-se.

Como foi apresentada pelo próprio autor, *Les rêveries du promeneur solitaire* pode ser vista como um apêndice de suas *Confissões* (“*Ces feuilles peuvent donc être regardées comme un appendice de mes Confessions*”³ (ROUSSEAU, 1972, p.41)), uma vez que oferece um estudo do eu além do exame de consciência “sincero” e “severo”. O próprio autor esclarece que não tem mais nada para confessar, por isso, não mais nomeia os devaneios de confissões. Rousseau afirma inexistir entre os homens, não estabelecendo com eles relações reais e verdadeiras, abstendo-se assim da sociedade. A fuga representaria a maneira mais fácil de salvar sua alma da paranoia que comandava sua mente.

Para compreender a obra de Rousseau, é preciso ir além das suas experiências vividas. O filósofo convive, desde muito jovem, com o sentimento de angústia, de solidão e com a ideia de perseguição. Partindo desses fatores é que surgirão os principais temas expostos em *Les rêveries du promeneur solitaire*.

Lavielle (2001, p.25) em um estudo sobre os *Devaneios* afirma que:

[...] l'expression des sentiments, au XVIII siècle, permet une emphase et un ton oratoire qui surprennent le XX, celui-ci les attribue facilement à Rousseau lui-même, quand ils sont courants dans la rhétorique du temps où les adjectifs et les verbes sont facilement superlatifs.

Jean-Jacques Rousseau investiga os prazeres da própria alma, utilizando verbos e adjetivos que simulam um estado constante de delírio e paixão. Além disso, desenvolve uma retórica temporal, pois volta constantemente ao passado e dessa maneira faz renascer as lembranças que outrora o fizeram viver momentos de felicidade plena.

No entanto, nesse processo, deparamo-nos também com as contradições rousseaunianas, visto que o filósofo se interroga sobre as mais diversas falhas de sua memória e reconhece que cometeu erros ou omitiu detalhes ainda não

³ “[...] essas folhas podem ser consideradas como um apêndice das minhas *Confissões* [...]” (ROUSSEAU, 1986, p.27).

experimentados. É provável que as lembranças que conta em suas caminhadas não sejam, na íntegra, verdadeiras, portanto produto da imaginação criativa e de seu universo criador.

É evidente ainda, na 4^{ème} promenade, que Rousseau confirma essa hipótese: “*J’écrivais mes Confessions déjà vieux [...] Je les écrivais de mémoire; cette mémoire me manquait souvent ou ne me fournissait que des souvenirs imparfaits*”⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.88). Portanto, a fraqueza, ou, ainda, o desvio constante de memória é a origem de sua obra. Para não perder as lembranças das caminhadas diárias, das contemplações encantadoras que essas provocaram, decide fixar por meio da escrita as recordações que ainda lhe vinham à mente. É pertinente notar, ao longo da narrativa, as contradições rousseauianas, pois o autor esclarece que houve falhas em sua memória, mas com grandiosidade retórica, afirma que a mesma memória que falha, soube purificar o passado, retendo unicamente os momentos de contemplação. Assim, ao mesmo tempo em que os desvios de memória o condenavam, eles o levavam a desfrutar o gozo de uma vida repleta de *jouissances*.

Jean-Jacques Rousseau afirma ainda que os momentos esparsos de alegria foram os que mais o atingiram, pois acreditava que os prazeres intensos não eram verdadeiros, ou eram breves períodos de satisfação do ser.

A memória prefere armazenar as experiências de felicidade estável aos lances descontínuos do prazer. Ademais, ela é capaz de restaurar o passado no presente com mais intensidade. Ao fixar, pela escrita, esses momentos de felicidade plena, cada vez que os reler, recordar-se-á dos momentos de encantamento e êxtase.

Na primeira caminhada, na qual Rousseau expressa seu desejo de “[*se*] connaître et jouir de [*soi-même*” (ROUSSEAU, 1972, p.11), o autor genebrino descreve o estado em que se encontra, com o objetivo de estudar a si mesmo. Diz ter encontrado na resignação a compensação para todos os males. Entregou-se, sem resistir ao destino. Seus perseguidores não tinham mais como feri-lo, porque já tinham esgotado todos os recursos para dominá-lo.

A humilhação, a difamação e o escárnio e até a dor física serviam para distraí-lo, já que nada mais temia. Tornara-se forte, porque os males reais não o atingiam, visto que não tinha mais vínculos com a sociedade. Sentia-se sozinho

⁴ “Escrevia minhas *Confissões* já velho [...] Escrevi-os de memória; essa memória me falhava muitas vezes ou somente me fornecia lembranças imperfeitas [...]” (ROUSSEAU, 1986, p.64).

como se estivesse em um país em que era estrangeiro, só encontrava consolo e paz em si mesmo. Preparava-se para encontrar-se com a própria alma, a única coisa que os homens não puderam tirar-lhe.

Na segunda caminhada, sobre o acidente de Mênilmontat, o filósofo relata a satisfação que tinha ao percorrer os prados de *Mênilmontat*, observando as plantas com as quais tinha uma relação doce e triste. Era um sentimento contraditório, sentia a alma forte, mas antevia o declínio de uma vida infortunada, cheia de desgosto. Enquanto divagava, foi atropelado por um cão dinamarquês, que vinha acompanhando uma carruagem. Quando recuperou os sentidos não tinha noção do que lhe acontecera. Sentia-se como se estivesse nascendo naquele momento, uma calma interior dominou-o inteiramente. Nada de mal lhe acontecera fisicamente, mas, rapidamente, espalhou-se o boato de sua morte, o que lhe causou grande indignação. Mais uma vez, julga-se vítima de um complô.

Na terceira caminhada, Jean-Jacques Rousseau relata, a partir dos seus quarenta anos, suas transformações físicas e morais. Faz reflexões sobre a juventude, momento de obter sabedoria, e sobre a velhice, momento de praticá-la. Desde cedo, viu-se jogado na turbulenta sociedade, aprendeu com a experiência que todo saber que acumulara conhecendo e estudando a natureza não poderia levar para parte alguma, porque na velhice é preciso aprender a morrer.

O gosto pela solidão afastou-o do mundo para meditar. Percebeu que quando retornava ao convívio social sentia que os homens o isolavam e o obrigavam a viver só. Descobriu que a felicidade era maior quando o faziam sentir-se miserável. Buscou uma filosofia própria em que pudesse aproveitar o tempo que lhe restava para uma reforma moral e intelectual.

Vivia como se estivesse em um labirinto de tortuosidades, estava prestes a abandonar tudo, mas resistiu para não se enganar, porque encontrou em suas buscas o apoio para as misérias de sua vida. Em vários momentos esteve a ponto de entregar-se ao desespero, mas percebeu que as inquietações que o afetavam não mudavam o curso dessa vida.

Não se deixou abalar por dificuldades além do próprio alcance, ninguém iria perturbar-lhe a solidão, que era uma satisfação pessoal, limitava-se a não querer aprender mais. Restava-lhe sair da vida com mais virtudes: doçura, paciência, justiça, integridade, resignação, essas o enriqueceriam, e não o deixavam temer a morte.

A mentira é o objeto de reflexão de Rousseau na quarta caminhada. Mentir é velar a verdade que deveria ser demonstrada. A verdade é um bem precioso, é a

visão e a razão do homem, a mentira está sempre ligada à impostura, à fraude, à calúnia. O filósofo diz que sempre procurou resolver as questões morais difíceis com as luzes da razão. Argumentou sobre pessoas que se dizem verdadeiras, mas, que se necessário, usam de subterfúgios para apresentar as coisas sob o ângulo que lhes favoreça. O homem verdadeiro não tira proveito do que não é justo, não procura enganar ninguém, mesmo que tenha que se prejudicar ou se sacrificar para que a verdade prevaleça.

A quinta caminhada tem como tema central, “[...] *la rêverie comme je l’ai connue dans l’île de Saint-Pierre*” (ROUSSEAU, 1972, p.11). Ela é a mais célebre de toda obra, e nela encontra-se uma das maiores representações da força e do lirismo do autor; é aquela em que Rousseau revive as lembranças dos momentos de felicidade esplêndida que outrora fizeram-no um dos homens mais alegres diante de um mundo repleto de falsidades e traições. A utilização de adjetivos pertencentes ao campo lexical da alegria, do contentamento, encobrem todas as descrições durante essa caminhada e proporcionam uma visão realista da estada que pretendeu devolver vida ao filósofo.

No início do primeiro parágrafo, ele descreve a localização geográfica da ilha, do lago *Bienne*, e qualifica esse espaço como um lugar agradável para a felicidade de um homem que buscava exilar-se da sociedade a fim de investigar a sua natureza a partir do seu próprio contentamento, por meio de uma retórica focalizada no eu, e pela descrição de suas atividades e de seu estado de alma. É, ainda, durante essa caminhada que observamos um dos questionamentos filosóficos com que se preocupa a sociedade moderna: “[...] *Quel était donc ce bonheur et en quoi consistait sa jouissance?*”⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.95). O autor interroga-se sobre a alegria, caminhando em busca da melhor forma para conseguir atingi-la.

Jean-Jacques Rousseau pretende, ao longo da 5^{ème} *promenade*, convencer-se de que sua felicidade consiste em descobrir os encantos da natureza, explorando-a em toda sua brandura e singularidade, e ao estudar todas as plantas que a natureza lhe oferece, tenta ser esquecido pelos homens, pois acredita que só assim conseguiria viver tranquilamente. A descrição das atividades durante a estada na Ilha de *Saint-Pierre* evoca o prazer de sua existência. Desse modo, conclui-se que felicidade não é produto de “*courts moments de délire et passion*”⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.100), ou seja, ela não é resultado de instantes fugidios, mas de um “*état*

⁵ “Qual era então esta felicidade e em que consistia seu deleite?” (ROUSSEAU, 1986, p.72).

⁶ “[...] curtos momentos de delírio e paixão [...]” (ROUSSEAU, 1986, p.75).

Ser e escrever: um estudo de *Les rêveries du promeneur solitaire* de Jean-Jacques Rousseau

*simple et permanent, qui n'a rien de vif en lui-même, mais dont la durée accroît le charme au point d'y trouver enfin la suprême félicité*⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.100). Informa, ainda, que a felicidade suprema seria alcançada através de um estado simples e permanente de excitação do ser.

Logo, esse transporte ao tempo passado, ao tempo não linear e não contínuo, o faz reviver momentos soberbos de prazer, frutos da fantasia criativa do filósofo. Ao se colocar como observador de si mesmo, esse tempo de recordações é decorado com alegrias, emoções e sensações de pura felicidade, numa harmonia perfeita entre o corpo e a alma.

Percebe-se que sua memória, além de lhe proporcionar um passado filtrado e transfigurado, restitui-lhe a perfeição, oferecendo-lhe felicidade duradoura.

Segundo Moretto (1986, p.16),

[...] a ilha de *Saint-Pierre* é, portanto, para o eu, o centro, o refúgio intemporal (tema tão frequente também em nossos dias) um novo ponto de partida onde o eu encontra sua plenitude, onde a felicidade consiste em “sentir com prazer minha existência sem ter o trabalho de pensar”.

A primeira frase que abre *Les rêveries*: “*Me voici donc seul sur la terre*” (ROUSSEAU, 1972, p.35), encontra na quinta caminhada sua perfeita realização, uma vez que o ser exilado da sociedade busca sua unificação, sendo essa caminhada a que melhor exemplifica os ideais posteriormente desenvolvidos pelos românticos (MORETTO, 1986).

O uso inesperado do tempo presente, no texto das *Rêveries*, vai além de um simples processo de narração: representa um presente de presença em sua lembrança. Pode-se observar na 5^{me} *promenade* que o tempo atual presentifica o passado, como assinala Françoise Barguillet, o filósofo retorna ao tempo decorrido como se ainda estivesse lá, “pleno de espírito e de graça”.

Na sexta caminhada, Rousseau conclui que não nasceu para viver entre os homens. Quando vivia na obscuridade, era tranquilo, desejava se tornar conhecido através de seus escritos, foi assediado por toda espécie de pessoas que queriam usar de sua filantropia indiscriminadamente. Prevendo as consequências, afastou-se da sociedade abatido, uma vez que percebeu que estava envolvido em emboscadas.

⁷ “[...] mas de um estado simples e permanente, que nada tem de intenso em si mesmo, mas cuja duração aumenta o encanto ao ponto de nele encontrar enfim a suprema beatitude.” (ROUSSEAU, 1986, p.75).

Fazer o bem sempre lhe trazia felicidade, mas sentiu que seus atos eram mal interpretados e que, por isso, devia se abster de fazer o bem. A experiência lhe trouxe novas luzes de conduta. Notou que para fazer o bem com prazer deveria agir de forma livre, sem coação. A ação de fazer o bem deveria ser doce e não uma obrigação, um fardo que teria de carregar para sempre. Tudo o que não fazia com prazer lhe causava repulsa. Muitas vezes se omitiu de fazer o bem para não se elevar diante dos homens, porque se achava vítima e se abatia por não poder se entregar de maneira plena, para não ser julgado pelas aparências. Via-se cercado por armadilhas, por isso desgostou-se dos homens e se manteve afastado de todos e de todas as intrigas. Embora os homens merecessem ódio e desprezo, preferiu fugir a odiá-los.

Concluiu que não foi feito para a sociedade, onde tudo é dever e obrigação. Gostava de agir com liberdade, pois a força e a liberdade é que fazem os homens superiores. Submetendo-se à sociedade, seria anulado, pois a escravidão e a fraqueza tornam os homens ambiciosos, maus. Mesmo tendo feito pouco o bem, não deixou que o mal penetrasse em sua existência.

O filósofo entrega-se sem constrangimento à botânica na sétima caminhada, um passatempo que lhe agradava e que não o deixava sonhar. Sentia que em contato com a natureza agiria com sabedoria e não deixaria germinar em si nenhuma semente de vingança ou ódio. Dedicando-se inteiramente ao lazer, poderia se vingar de seus perseguidores à sua própria maneira; sendo feliz sempre os atingiria com mais crueldade.

Amedrontado por seus infortúnios, encontra prazer em contemplar a natureza, que se oferece ao homem como um equilíbrio harmonioso. Quanto mais a contemplava, mais extasiado se sentia, perdia-se na imensidão e se identificava com o delicioso e embriagador espetáculo que supera as sensações de sofrimento.

Ao contrário de muitos homens, que procuram nas plantas remédio e drogas medicinais, o filósofo sentia, ao contrário, que se procurasse cura para seus sofrimentos na natureza, seria envenenado pelas enfermidades e perderia o verdadeiro encanto pela meditação pura e desinteressada.

Enquanto sentia que os homens eram seus irmãos, fez projetos de felicidade pública e terrena. Quando percebeu que só queriam sua desgraça, refugiou-se na natureza, a mãe comum. Encontrou a companheira fiel, a solidão selvagem, companhia melhor que o convívio com os homens que viviam cheios de ódio e arquitetavam traições. As caminhadas botânicas afastavam-no das perseguições

humanas, tinha sensações agradáveis e curiosas, pois a botânica é o estudo para um indolente solitário.

Na oitava caminhada, temos o retorno à idéia do complô e a discussão da maneira de evitá-lo para atingir a felicidade. O autor lamenta que nunca estivesse satisfeito consigo mesmo ou com a sociedade, vivia aturdido, embora fosse bem-tratado, a solidão o entristecia, porque não conhecia o prazer de estar só. Não via inimigo algum em qualquer parte, mas sabia que não era feliz.

Ao voltar-se para si mesmo suspeitou que foi vítima de um complô, que caíra em muitas armadilhas. Ficou indignado, furioso, transtornado. Só via trevas, infâmia, traição. Tentava mergulhar na claridade para se guiar, mas não encontrava suporte para resistir a tanto tormento. Quanto mais tentava se livrar, mais se via enredado.

Após muita angústia, o desespero que parecia não ter fim foi se abrandando, porque encontrou a felicidade em si mesmo. Começou a ver-se sozinho e a entender que os contemporâneos eram seres mecanizados, agiam por impulsos que podiam ser calculados. Passou a vê-los como massas desprovidas de qualquer significado de moralidade.

Os golpes muitas vezes erram o alvo, a dor física é a que doi menos em algumas ocasiões. Assim, quando percebeu que não havia explicações, quando não via de onde vinham os murmúrios que o atormentavam, voltou-se para o amor-próprio, debruçou-se sobre a própria alma e cortou as relações com o público.

Os homens já não podiam mudá-lo interiormente, continuou a ignorá-los. Sabia que continuaria sofrendo, mas bastava-lhe não sofrer no presente para reencontrar a paz de espírito e ser quase feliz. Aprendeu a tirar proveito da indiferença e tudo se tornou indiferente, por obra de seus inimigos. Tornou-se insensível à adversidade, não a temeria mais, porque já a dominara. Quando estava sozinho voltava à calma, escapava dos maus e o prazer era intenso. As caminhadas solitárias eram deliciosas, deixavam-no em êxtase, levavam-no à vida feliz para a qual nascera.

Na nona caminhada, Rousseau revela seu amor pelas crianças, as quais preencheram toda sua vida, e o amor pelos seres humanos. Embora tivesse amado muito as crianças não vacilou em colocar seus filhos no *Enfants-Trouvés*, como se tivesse uma antevisão, e quisesse evitar que eles se tornassem alvo das perseguições que sofreria, mesmo assim: diante da sociedade, tornou-se um pai desnaturado. Refere-se ainda a um outro fator inconveniente que o

mantinha afastado das crianças, a velhice, um aspecto hediondo. Para evitar aversão, não se aproximava delas com frequência, embora se sentisse em estado de transe quando pegava uma criança em seus braços e podia beijá-la. Mesmo que esses prazeres fossem breves e raros, eram muito intensos.

Rousseau afirma que tinha gosto em caminhar ao redor da Escola Militar para ver os inválidos que ali se alojavam, Apreciava com grande prazer a honradez militar que conservavam. A princípio, era um desconhecido, todos o cumprimentavam com carinho, assim que saiu do anonimato, passaram a vê-lo com olhar odioso e com zombaria. Nesses momentos, sentia necessidade de se refazer, voltava-se para a natureza em busca de paz e prazer, para poder desfrutar de sensações doces e sedutoras.

Essa caminhada apresenta argumentos sobre a felicidade, o autor afirma que, para conhecê-la, seria importante ler o coração do homem feliz, pois “[...] a felicidade é um estado permanente que não parece ser feito para o homem neste mundo.” (ROUSSEAU, 1986, p.116).

A décima caminhada, inacabada, é a lembrança dos dias felizes que viveu com a Sra. de Warens. Na velhice, aos sessenta e cinco anos, volta para o amor da adolescência ao lado da mulher que, com doçura, o encaminhou para o desabrochar sentimental e intelectual. Relembra dos poucos anos em que viveu plenamente, sem obstáculos. Ajudado pelas lições e pelo exemplo da Sra. de Warens desenvolveu o gosto pela solidão, pela contemplação, porque ao sentir-se afetado pelas paixões alheias, mergulhava em mil devaneios.

Desse modo, é pertinente observar que, no decorrer de toda a obra, Jean-Jacques Rousseau trabalha com ideias paradoxais, visto que sua própria vida é revestida de paradoxos. Segundo Françoise Bargaüllet (1991, p.166) em *Rousseau ou l'illusion passionnée* “[...] *c'est dans le souvenir seul que Rousseau vit pleinement le réel*”. Portanto, o autor só consegue viver plenamente o real quando está sozinho. É a partir das lembranças, solitário, durante as caminhadas, que consegue atingir a tão desejada felicidade plena. Nota-se que o discurso voltado para o eu demonstra a volúpia de um ser que é capaz de obter sua unidade essencial, suavemente recomposta, enquanto sorve as “poções de memória” (BARGUILLET, 1991, p.150, tradução nossa).

No primeiro parágrafo que inicia a 2^{ème} *promenade*, Jean-Jacques Rousseau apresenta sua intenção enquanto autor e caminhante solitário, articula uma linguagem centrada no eu, além de afirmar que as horas de solidão e de meditação são os únicos momentos do dia em que é ele mesmo, sem desvio, sem obstáculos,

conseguindo ser verdadeiramente aquilo que a natureza pretendeu. Desse modo, Rousseau certifica-se, a partir da sua própria experiência de vida, que a força da verdadeira felicidade está em si mesmo e que ninguém pode roubar a felicidade do ser que sabe ser feliz:

*Ayant donc formé le projet de décrire l'état habituel de mon âme dans la plus étrange position où je puisse jamais trouver un mortel, je n'ai vu nulle manière plus simple et sûre d'exécuter cette entreprise que de tenir un registre fidèle de mes promenades solitaires et des rêveries qui les remplissent quand je laisse ma tête entièrement libre, et mes idées suivre sa pente sans résistance et sans gêne. Ces heures de solitude et de méditation sont seules de la journée où je sois pleinement moi et moi sans diversion, sans obstacle, et où je puisse véritablement dire être ce que la nature a voulu.*⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.44).

Trabalhando minuciosamente com a linguagem, Jean-Jacques Rousseau pretende convencer-se da própria bondade e de que é vítima de uma conspiração numa escala em que engloba toda a humanidade. Entretanto, esse delírio é também um procedimento paradoxal de auto-aceitação, já que, protegendo-se, exilando-se, evita ser mais uma vez ferido pela traição de seus amigos. A atitude odiosa dos homens é o efeito primordial de seus devaneios. Mais de uma vez, adota a posição de inocente e justo, como se nota na 2^{me} *Promenade*: “*Dieu est juste; il veut que je souffre; et il sait que je suis innocent*”⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.54).

A ideia do complô é acentuada pelo narrador à medida que faz uso de vocábulos no grau superlativo e de palavras definitivas e categóricas que exprimem suas queixas, colocando-se na pior posição em que se pode encontrar um mortal. Usando de metáforas, descreve seu estado de vítima e de impotente diante dos perseguidores. Acredita que a solidão chegou com a marginalidade em que a sociedade o colocou, e que foi travestido pelos homens de um monstro insociável e misantropo: “*je suis devenu solitaire, ou comme ils disent insociable et misanthrope*”¹⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.126). Afirmava que a única maneira de

⁸ “Tendo portanto formado o projeto de descrever o estado habitual de minha alma na mais estranha situação em que possa jamais encontrar-se um mortal, não vi nenhuma maneira mais simples e mais segura de executar essa empresa do que a manter um registro fiel de minhas caminhadas solitárias e dos devaneios que as preenchem, quando deixo minha cabeça inteiramente livre e minhas idéias seguirem sua inclinação, sem resistência e sem embaraços. Estas horas de solidão e de meditação são as únicas do dia em que sou plenamente eu mesmo e em que me pertenco sem distração, sem obstáculos e em que posso verdadeiramente dizer que sou o que desejei a natureza.” (ROUSSEAU, 1986, p.31).

⁹ “Deus é justo; quer que eu sofra; e ele sabe que sou inocente.” (ROUSSEAU, 1986, p.38).

¹⁰ “[...] tornei-me solitário, ou, como dizem, insociável e misantropo [...]” (ROUSSEAU, 1986, p.96).

se vingar de seus perseguidores era sendo feliz, apesar dos infortúnios que estes provocaram.

Barguillet associa a imagem de perseguido à imagem de Jesus Cristo, visto que na 1^{ère} *promenade* ele recapitula suas perseguições nos seguintes termos:

*Pouvais-je dans mon bon sens supposer qu'un jour, moi le même homme que j'étais, le même que je suis encore, je passerais, je serais tenu sans moindre doute pour un monstre, un empoisonneur, un assassin, que je deviendrais l'horreur de la race humaine, le jouet de la canaille, que toute la salutation que me feraient les passants serait de cracher sur moi, qu'une génération tout entière s'amuserait d'un accord unanime à m'enterrer tout vivant [...] ? La difamation, la dépression, la dérision, l'opprobre dont ils m'ont couvert ne sont pas plus susceptibles d'augmentation que d'adoucissement [...].*¹¹ (ROUSSEAU, 1972, p.36-37).

O uso dos vocábulos “*opprobres*”, “*outrages*”, “*indignités*”, aproxima o autor da *Rêveries* da saga de Jesus Cristo, que, apesar de inocente, sofreu as mais duras provações para salvar a humanidade. O narrador supera o desespero e a angústia de incompreensão de sua situação através de suas caminhadas solitárias e do encontro consigo mesmo (BARGUILLET, 1991, p.43). Além disso, no excerto acima citado, testemunhamos o tom oratório, poético e grandioso de Jean-Jacques Rousseau, uma vez que nos deparamos com a simetria dos elementos sintáticos que se repetem “*moi le même homme que j'étais, le même que je suis encore*” e, com um ritmo oscilante binário, ternário e quaternário. A partir de tais elementos, observamos a magnificência do autor ao elaborar sua linguagem e desenvolver sua retórica.

Não se podem separar os temas de *Les rêveries du promeneur solitaire* para estudá-los isoladamente, visto que toda obra é construída na congruência de tais temas. O desvio constante de memória, a paranoica ideia do complô, o gosto pelo devaneio e o exílio físico em lugares solitários configuram a imagem de um homem abandonado, entretanto, sonhador. De fato, a solidão não é uma escolha livre e natural da sua vontade, pois é apresentada, no início, como resultante do complô universal a que fora submetido. Além disso, de um lado corresponde a um desejo ardente e vital (“*alors pour ne les pas haïr il a bien fallu les fuir*”¹² (ROUSSEAU, 1972, p.126)), e de outro representa

¹¹ “Podia, com o meu bom senso, supor que um dia eu, o mesmo homem que era, o mesmo que ainda sou, seria tido, seria considerado, sem a menor dúvida, como um monstro, um envenenador, um assassino, que me tornaria o horror da raça humana, o brinquedo da gentalha, que toda a saudação que me fariam os passantes seria a de escarrar sobre mim, quise toda uma geração, de comum acordo, se divertiria enterrando-me ainda vivo? [...] A difamação, a humilhação, o escárnio, o opróbrio com que me cobriram não pode mais aumentar nem abrandar [...].”(ROUSSEAU, 1986, p.23-24).

¹² “Então, para não os odiar, foi realmente necessário fugir-lhes [...].”(ROUSSEAU, 1986, p.96).

a condenação imposta pelas atitudes dos homens, e não uma escolha natural de conduta : “*je suis devenu solitaire, ou, comme ils disent, insociable et misanthrope, parce que la plus sauvage solitude me paraît préférable à la société des méchants, qui ne se nourrit que de trahisons et de haine*”¹³ (ROUSSEAU, 1972, p.126-127).

Pode-se assegurar que Rousseau prefere viver em plena solidão a estabelecer relações em sociedade, uma vez que esta se alimenta de traições e ódio. A adoção dessa conduta, mais tarde, torna-se uma condição de vida. Compreende que em sua caminhada solitária encontra-se consigo mesmo. Recolhido, contenta-se com momentos frágeis de alegria nos “braços da mãe natureza”. Para alcançar o autoconhecimento, recolheu-se em si mesmo e percebeu que sem seus inimigos jamais encontraria o verdadeiro homem que ocultava. Ao debruçar-se sobre si, nesse caminhar intuitivo, reconheceu-se livre e descobriu sua dimensão individual. Libertado, depois de ter vencido todos os ataques de que supunha ser objeto, sentiu-se mais forte para enfrentar os males reais, pois os imaginários o afligiam mais e lhe causavam maior angústia. Esperar pelos males era insuportável, enfrentá-los tornara-se um hábito que lhe fortalecia a coragem, para sobreviver perante as ameaças de seus perseguidores.

Aliado a esses temas, Jean-Jacques Rousseau aborda também o tema da morte, pois é através dela que o ser humano tem uma visão plena da vida. Só com a morte é que o ser pode identificar-se, reconhecer-se, uma vez que ela é a expressão mais pura do homem. Através da morte, o homem revela seu outro lado, ou seja, o seu duplo.

Tzvetan Todorov (1971), em sua obra *Poética da prosa*, considera qualquer narrativa como uma “descrição dos caracteres”. Todorov compara a narrativa à vida e a ausência da narrativa à morte. O tema da morte, em *Les rêveries du promeneur solitaire*, é associado à velhice do filósofo, ao declínio que o tocou no momento certo de sua reestruturação ética.

Esse tema parece explicar os mais variados comportamentos humanos, pois o homem, ao se deparar com ela, sente medo e acaba revelando-se totalmente. Jean-Jacques Rousseau discorre sobre a morte sem angústias e sem medo de precisar deixar esse mundo, pois para o narrador a morte serve de consolo, já que foi vítima de um complô universal. Na época da escritura de *Les Rêveries du promeneur solitaire*, o autor já se encontrava velho e a morte seria talvez a

¹³ “[...] tornei-me solitário, ou, como dizem, insociável e misantropo, porque a mais selvagem solidão me parece preferível à companhia dos maus, que somente se alimentam de traições e de ódio.” (ROUSSEAU, 1986, p.96).

alternativa mais plausível para um homem que sofrera durante toda a vida, ela seria a luz, o fim das trevas, além de representar um relaxamento do corpo e da alma atormentada pela ideia do complô.

A união de todos os temas confere à última obra de Jean-Jacques Rousseau o suporte para a compreensão de sua vida. Dessa unidade aprazível resta somente ao autor fixar-se na escrita para que, dessa forma, consiga melhor desfrutar dos momentos de solidão e do passado. E ao descobrir que conseguirá fixar-se através da escrita, o escritor genebrino debruça-se sobre ela, pois à literatura cabe o privilégio da individualização que será vivenciada pela sociedade. Assim, através da escrita literária, poderá desfrutar, a qualquer momento, do êxtase da solidão e dos tempos de outrora.

Centrada no eu, a narrativa demonstra que o estudo do ser é unicamente destinado a ele mesmo. A escrita satisfaz uma necessidade pessoal estimulada pelas oscilações de humor e pelas circunstâncias biográficas julgadas estranhas e singulares. A perseguição ou a conspiração por que passou não o incomoda, sente-se mais forte, mais revigorado, já não se deixa atingir. Sente-se indiferente diante do bem ou do mal que lhe impingiram.

A escrita desinteressada não visa a exibição alguma perante os outros, pois não pretende publicar *Les rêveries du promeneur solitaire* e nem explicar aos leitores certas alusões a que fez referência, porque a humanidade não precisa reconhecê-lo por seus textos literários. Não lhe interessa instruir seus contemporâneos através dos vastos domínios que alcançou, sente-se incapaz de alterar a visão da sociedade enquanto vive, já que se sente alheio a tudo.

Resgatando, através da escrita, a felicidade e o prazer, o filósofo demonstra que, por meio dos próprios recursos, é capaz de encontrar a felicidade plena, não necessitando satisfazer a vontade alheia. A escrita tem o poder de exteriorizar a interioridade, beneficiando o próprio eu. Ao fixar os conhecimentos pelos textos, o autor poderá dispor deles, a qualquer momento, poderá ir ao encontro do que desejar. É possível, desse modo, ver a escrita como o duplo da fala, pois através dela o autor pode representar a vida e a morte, consagrando-se e restituindo-se à vida.

Assim, a escrita torna-se instrumento de criação em Rousseau. O reconhecimento, a consciência de um eu que busca conhecer-se a si mesmo. Precisou ser marginalizado pela sociedade por suas idéias, para recolher-se e aprofundar a caminhada em busca da realização da própria interioridade.

O interesse deste estudo é mostrar que, com a obra, nasce uma retórica em que certos temas, aliados ao centramento no eu, propiciam o surgimento, na literatura francesa, de um novo tom que repercutirá nas gerações futuras. Desse modo, a escrita tem o poder de eternizá-lo, uma vez que ela fixa os acontecimentos que poderiam ser esquecidos pelos constantes desvios de memória do autor. Portanto, Jean-Jacques Rousseau representa muito mais que um filósofo iluminista, ele se torna a revelação do século XVIII a partir de sua retórica egocêntrica.

TO BE AND TO WRITE: a study of Les Rêveries du promeneur solitaire by Jean-Jacques Rousseau

ABSTRACT: *This work presents an analysis of the book Les Rêveries du promeneur solitaire by Jean-Jacques Rousseau, in order to verify how is manifested, in this inaugural writer of the French pre-Romanticism, a language and a worldview centered on egotism, on sensibility, on the taste for solitude and reverie. Through the investigation of a rhetoric of the self and some poetic images, we intend to raise some central elements of the poetic prose of Rousseau in the last of his works. Thus, the aim of this paper is to demonstrate the importance of the themes of the plot, solitude, reverie, happiness and memory for the recognition of the one who desires to know himself and to take joy in himself through the egotistical writing. By establishing himself through writing, the philosopher tries to duplicate his existence and to return to the times of lasting happiness which was previously experienced. To this end, this article is based on the reflections of Françoise Barguillet in Rousseau ou l'illusion passionnée, the theories of Michèle Grogiez in Solitude et Méditation and also the essays collected by Michel Coz and François Jacob in Rêveries sans fin.*

KEYWORDS: *Memory. Romanticism. French literature.*

REFERÊNCIAS

BARGUILLET, F. **Rousseau ou l'illusion passionnée: les rêveries du promeneur solitaire.** Paris: PUF, 1991.

LAVIELLE, É. **Les rêveries du promeneur solitaire.** Paris: Bréal, 2001. (Coll Connaissance d'une oeuvre).

MORETTO, F. M. L. Prefácio. In: ROUSSEAU, J. J. **Os devaneios do caminhante solitário.** Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Ed. da UnB, 1986. p.7-17.

Natália Pedroni Carminatti

ROUSSEAU, J.-J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Ed. da UnB, 1986.

_____. **Les rêveries du promeneur solitaire**. Paris: Gallimard, 1972. (Folio Classique).

TODOROV, T. **Poética da prosa**. Tradução de Maria de Santa Cruz. Lisboa: 70, 1971.

BIBLIGRAFIA CONSULTADA

ADAMY, P. **Les corps de Jean-Jacques Rousseau**. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1997.

ARISTÓTELES. **Poética**. Prefácio, tradução, introdução e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.

BEGUIN, A. **L'Âme romantique et le rêve**. Paris: J. Corti, 1963.

COZ, M; JACOB, F. (Org.). **Rêveries sans fin**. Autour des Rêveries du promeneur solitaire. Orléans: Paradigme, 1997.

CROGIEZ, M. **Solitude et méditation**. Études sur Les rêveries de Jean-Jacques Rousseau. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1997.

HAZARD, P. **La pensée européenne au XVIIIe siècle: de Montesquieu à Lessing**. Paris: Fayard, 1961.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

MARQUES, J. O. A. de. **Verdades e Mentiras. 30 ensaios em torno de Rousseau**. Ijuí : Ed. da Unijuí, 2005.

MAUZI, R. **L'Idée du bonheur dans la littérature et la pensée au XVIIIe siècle**. Paris: Librairie Armand Colin, 1960.

MAY, G. **Rousseau par lui-même**. Paris: Seuil, 1961.

MORIER, H. **Dictionnaire de poétique et de rhétorique**. Paris: PUF, 1998.

O'NEAL, J. **The nature of Rousseau's Rêveries: physical, human, aesthetic**. Oxford: Voltaire Foundation, 2008.

RICATTI, R. **Réflexions sur Les rêveries**. Paris: Corti, 1960.

Ser e escrever: um estudo de *Les rêveries du promeneur solitaire* de Jean-Jacques Rousseau

ROUSSEAU, J. -J. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral.** Tradução de Adalberto Luis Vicente. Organizado por José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. **Oeuvres complètes.** Direction de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond. Paris: Gallimard, 1959. (Bibliothèque de la Pléiade).

STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau.** La transparence et l'obstacle. Paris: Gallimard, 1961.

_____. **L'oeil vivant.** Paris: Gallimard, 1960.

VAN THIEGHEM, P. **Les grandes doctrines littéraires en France.** Paris: PUF, 1968.

